

# MONTERREY 1

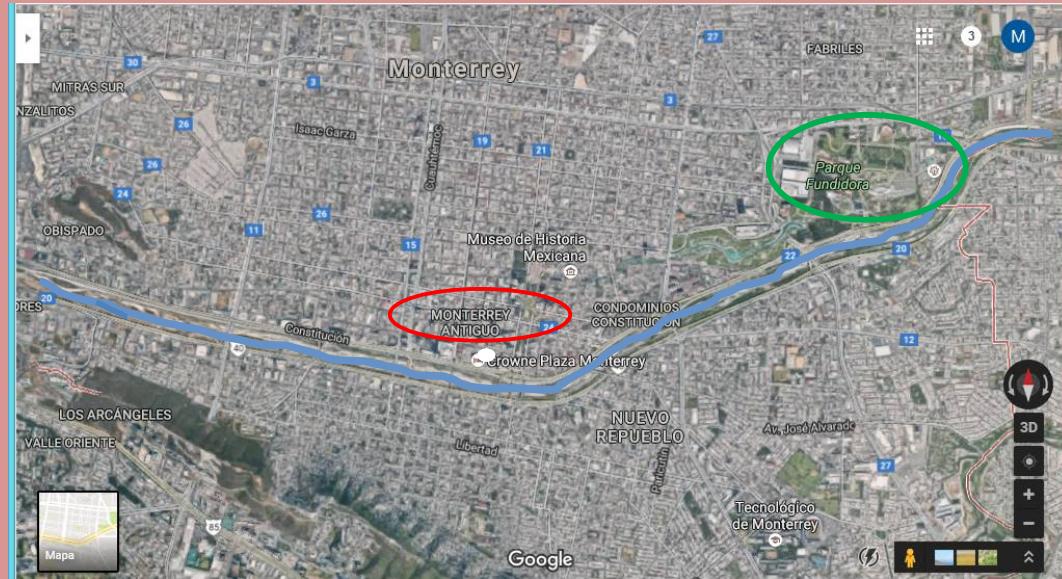


O Rio Santa Catarina amanheceu cheio de água. Olhando para ele, pela janela do nosso apartamento no Crowne Plaza Hotel, tenho a impressão que o seu volume mais que triplicou, comparativamente ao leito quase seco que observei nos dias anteriores.

A região norte do México é muito seca (do tipo estepe, como visto nos velhos filmes de faroeste), mas as chuvas desta noite, decorrentes do furacão que matou quase mil pessoas no Haiti, foram abundantes e fizeram renascer o curso d'água, que marca toda a estrutura da cidade de Monterrey.

Ela é a capital do estado de Nuevo León, considerada a segunda área industrial do país e a terceira metrópole em tamanho e importância. Foi fundada no século XVI, pelos espanhóis, mas a proximidade com os Estados Unidos faz com que ela seja menos mexicana que outras cidades do país ou, como consta em várias publicações turísticas, leva-a a ser uma “cidade americanizada”.

Na imagem de satélite que se segue, mal se pode ver a água do Rio Santa Catarina, por isso o assinei em azul, para que se possa visualizá-lo cortando o centro principal da cidade, denominado de *Monterrey Antiguo*.

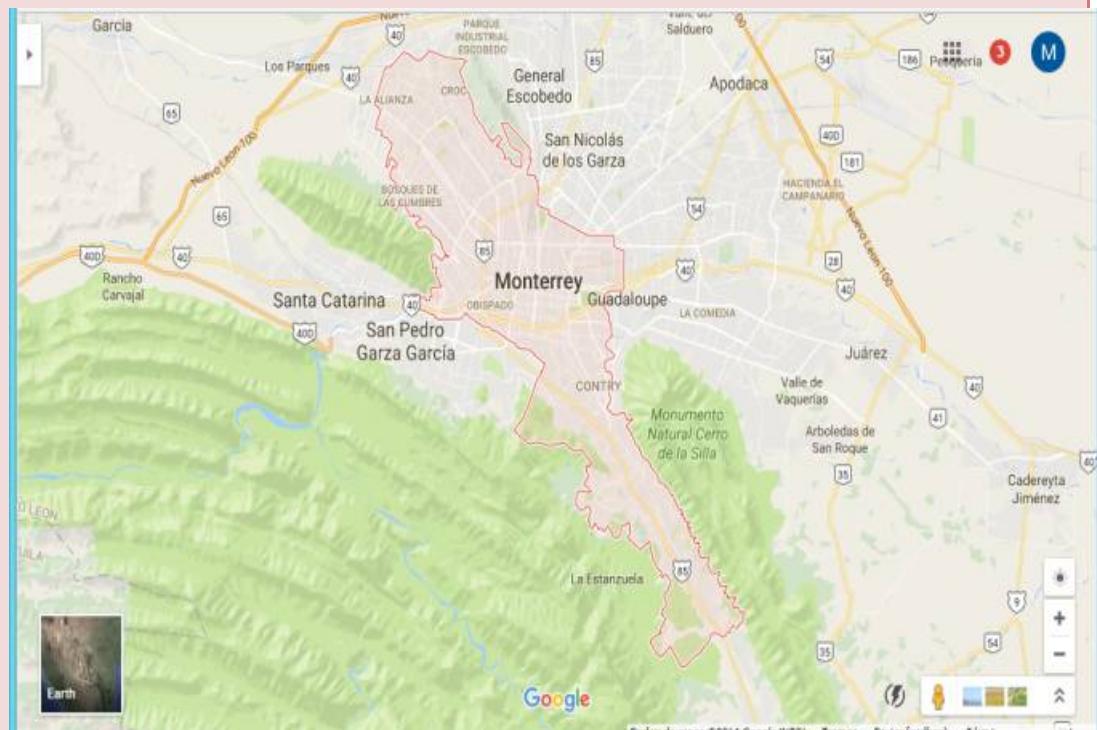


Mesmo preocupado com a ocorrência de um “desastre climático”, o motorista de taxi, que nos leva ao Restaurante La Escondida, conversa animadamente sobre a chuva e demonstra como os mexicanos do Estado de Nueva León festejam quando o céu abre suas portas. Assim que entramos no bairro de San Jerônimo, assinalado em vermelho no mapa que se segue, onde o rio também aparece orientando o sistema viário, o motorista do táxi explica que estamos no território mais seguro de todo o México e suponho que ele exagera nas explicações:

*“Aqui há quatro vezes mais policiamento que a média do país. Os policiais falam quatro ou cinco línguas [tudo isso? me pergunto]. Há câmeras de vigilância por todos os lados. Esta é a área das residências dos empresários ricos, parte deles estrangeiros, que têm negócios no México, por isso os policiais são poliglotas”.*

E segue ele, dirigindo e desfiando elogios ao espaço ocupado pela elite de Monterrey. De fato, é notável: em San Jerônimo, há uma concentração de prédios corporativos, indicando a formação de um centro de negócios, separado do centro principal da cidade, onde está o Crowne, em que nos hospedamos; é uma parte moderna do espaço urbano, bem verticalizada, com muito concreto, aço e vidro. De fato, aqui principalmente, a arquitetura é mais estadunidense que mexicana.

No seu conjunto, Monterrey é uma cidade abraçada pelas montanhas. De qualquer ponto onde se esteja, são vistas as elevações que a cercam, com encostas ocupadas por habitações populares ao norte e de elite ao sul e a leste. Esse abraço das terras em aclive orienta o plano urbano que é alongado e demarcado pelo vale delineado pelo seu rio principal.



Finalmente, o motorista deixa-nos no Restaurante La Nacional. É nossa segunda tentativa de conhecê-lo. Na anterior, achamos que não valia a pena aguardar numa fila de uma hora de espera prevista para conseguirmos nos sentar e fomos, ao lado, no La Escondida. Hoje, com reserva feita pela internet e mais meia hora de espera, vimos logo que não íamos novamente conseguir uma mesa tão cedo e voltamos ao La Escondida. Assim, fechamos nossos oito dias de Monterrey no mesmo local em que jantamos na primeira noite.

A sequência de fotos, ao lado, foi extraída da Wikipédia. Na primeira delas, pode-se ver o Cerro da La Silla, cujo perfil, segundo alguns moradores da cidade, é o de um rosto indígena deitado. Os prédios à frente dele mostram a prosperidade econômica de Monterrey.

Logo abaixo, à esquerda, está o prédio mais alto da cidade; à direita, a abóbada do centro de convenções do Hotel Fiesta Americana e a fachada da catedral.

Em seguida, à esquerda, uma edificação mais antiga onde está a sede do governo do Estado de Nuevo León e o Museo del Palácio; há também uma imagem de ponte estaiada que sobrepõe o Rio Santa Catarina, completamente seco nesta foto; à direita, um prédio que achei dos mais bonitos na cidade, o qual abriga parte das secretarias de governo e pode ser visto do Parque de La Fundidora.

Por fim, outra vista da cidade com os morros ao fundo. Nos primeiros dias, achava que eles estavam encobertos por uma bruma, mas depois constatei que era poluição decorrente do tamanho do parque industrial da cidade, caracterizado pela presença de indústrias pesadas e de bens de consumo duráveis.



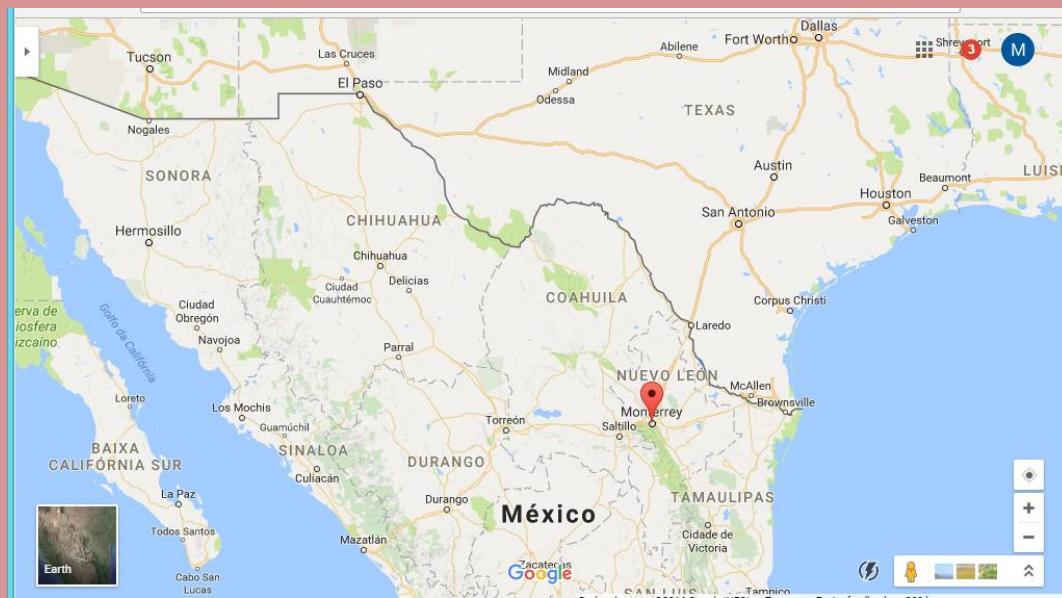
No La Escondida, voltando aos restaurantes, há uma típica decoração mexicana, música mexicana, garçons com jeito de mexicanos e comida mexicana. No La Nacional, onde ficamos apenas na fila de espera é tudo muito diferente – sobretudo os frequentadores, na sua maioria casais de amigos, com idades inferiores a 40, no máximo 50 anos, todos vestidos com roupas de marcas, elas de saltos bem altos, eles de camisas xadrez de grife. A grande maioria branca, contrastando com os traços indígenas dos que trabalhavam no restaurante. No geral, as mulheres mexicanas são bem exageradas para se vestir. Em outras palavras, embora Salma Hayek, mexicana de nascimento e atualmente atriz em Hollywood, seja considerada um ícone da beleza daquele país, na média, as mexicanas são mais curvilíneas e mais vistosas, na maneira de se trajar, pentear-se e se maquiar.



Monterrey tem um milhão e cem mil habitantes e a região metropolitana que ela comanda alcança quatro milhões. É considerada uma cidade rica no país, com PIB *per capita* muito superior à média. Nela, há fábricas de empresas importantes como Sony, Whirlpool (leia-se Brastemp), Samsung, Toyota, Nokia, Dell, LG, Boeing e General Electric. Destacam-se, também, a Kia Motors e a fábrica de caminhões da Mercedes Benz. É chamada de um “pedaço da América”, tendo em vista sua proximidade da fronteira com os Estados Unidos (mais ou menos 200 km).

É fácil imaginar que a cidade vem sendo escolhida por empresas estadunidenses, para localizar suas unidades fabris, com o intuito de aproveitar a mão de obra e os impostos mais baratos e facilmente fazer chegar os produtos ao território dos EUA. No entanto, ao lado da economia e dos empregos gerados pelo setor industrial, há o narcotráfico. A revista brasileira Exame, em matéria veiculada em 2011, informa que os assassinatos associados a este circuito internacional tinham aumentado 10 vezes em cinco anos. Com esta informação, podemos compreender porque a metrópole mais perigosa do país tem um oásis – San Jerónimo – protegido por uma polícia considerada pela imprensa internacional como eficiente (à parte os exageros do nosso motorista de táxi): basta prestar atenção nesta combinação entre negócios lícitos (empresas

transnacionais) e ilícitos (narcotráfico), embora não dê para confiar numa distinção tão clara entre estes dois grupos... Veja no mapa a ligação de Monterrey com San António, já no território estadunidense.



A comida mexicana é um capítulo especial. Primeiro, porque os mexicanos comem muito mesmo. Tomam um farto café da manhã, o que inclui feijão (que se acompanha com chá, café ou chocolate), comem legumes cozidos, tortilhas de todo tipo, carnes assadas, omeletes e mil outras coisas. Para o nosso tipo de paladar, o olor, quase odor, que exala do balcão do buffet nos hotéis é forte demais. Por volta de meio dia há para os que estão participando do seminário, ao qual viemos assistir, café, refrigerantes, pães de milho salgados e doces. Por volta de 14 ou 15 horas, farto almoço, com cardápio muito parecido ao do café da manhã (mas o T-bone é bem feito, o que estimulou a almoçar no hotel por duas vezes). Mal retornamos à sala do seminário e já vemos o lanche disposto, para depois, ainda, às 20 ou 21h todo mundo atacar o jantar. Tudo combinado com tequila e cerveja, que são as bebidas que, cotidianamente, acompanham as refeições principais. Tanto as cervejas como os drinques vêm servidos em copos que, conforme o pedido, estão com sal ou pimenta cuidadosamente dispostos nas suas bocas.

Em segundo lugar, a culinária mexicana é muito particular, porque eles não utilizam temperos tais como os nossos – azeite, cebola, alho, sal etc. – mas, sim, pimentas de todo o tipo e, muitas vezes (quase sempre), o coentro. No lugar da farinha de trigo ser a base de parte dos alimentos, os pães e as tortilhas são de farinha de milho, o principal produto na alimentação deste país, o que justifica a frase que eles gostam de proferir:

*Sin maíz, non hay país!*

Na região norte do México, um prato típico é o cabrito que nem degustamos *comme il faut*, pois não deu certo de conhecer “El Rey del Cabrito”, a rede de restaurantes

especializados que atendem os nativos, mas sobretudo os turistas. Mesmo assim, acabei experimentando a carne de cabrito no recheio de outro prato típico mexicano, que se chama *Chili Nogada*.

O que é isso? Pimentão (*chili*) recheado com carne de vaca, de porco ou de cabrito, coberto por um creme branco, em cuja elaboração as nozes entram (daí o *nogada*); por cima, para enfeitar o prato mais do que para dar o tom do paladar, sementes de romã e uma minúscula bandeira do México para dar o acabamento final. Vejam abaixo como o prato é bonito. Ele é servido na temperatura ambiente, mas fiquei imaginando que deve ficar bom também bem quentinho.



O La Escondida tem o nome que merece. Fica afastado da avenida principal (San Jerônimo), num terreno que está atrás de um prédio onde há uma loja de móveis. A comida é muito bem preparada e o que mais gostei nele é o balde que usam para trazer a tequila gelada à mesa. Ele é feito de um pedaço congelado de cactus, com uma parte central oca, onde se encaixa a garrafa (veja acima à direita). *Sui generis* não?

Recomendo outros restaurantes em Monterrey, como o Madre Oaxaca com sua decoração profundamente mexicana, mas moderna (olha a foto da esquerda disponível no Tripadvisor e feita por um cliente). Gostei também da Tratoria Ianilli, tanto pela comida italiana (depois de vários dias de tortilhas e pimentas), como pela decoração moderna ambientada numa edificação muito antiga, com paredes de pedra (foto da direita disponível no site do restaurante).



Ambos os restaurantes estão no centro histórico, composto por edificações coloniais, que está justaposto ao centro comercial atual, compondo, ambas as partes, a área denominada Monterrey Antigua, que no próximo mapa está sombreada em rosado.

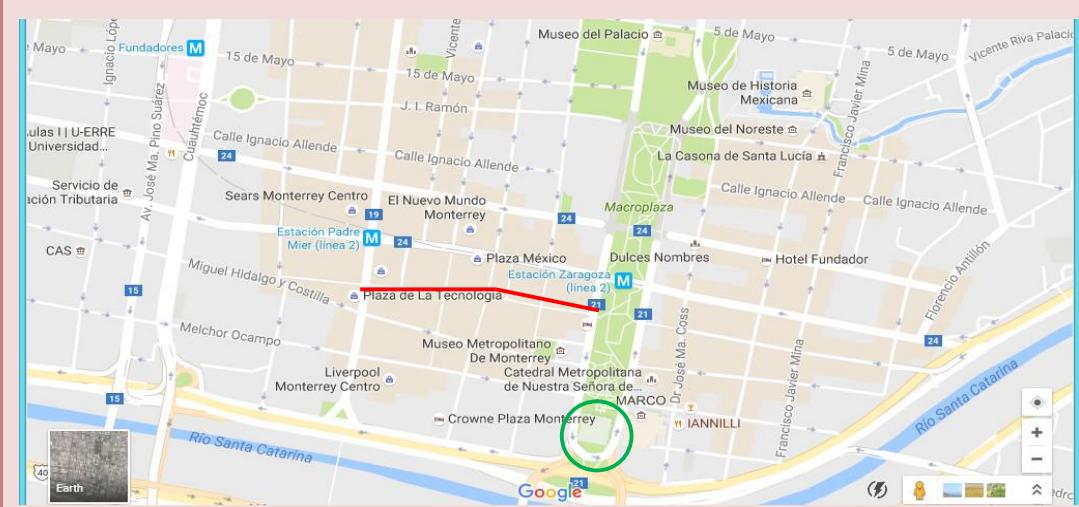
A parte mais comercial é composta de lojas populares, organizadas, sobretudo, ao longo da rua de pedestres, um calçadão que se estende por algumas quadras da Rua José Maria Morelos (que marquei em vermelho no mapa). Nela, estão localizadas algumas poucas marcas internacionais, pois o predomínio é de lojas que me parecem de capital nacional ou local. Há, sempre, muita gente andando e um constante entre e saí de *las tiendas*.

Nas ruas paralelas, estão alguns hotéis importantes, como o Crowne Plaza, o Sheraton, o Krystal, locadoras de veículos, anexas aos hotéis, pequenos restaurantes de refeições rápidas e muitas, mas muitas casas de câmbio, onde qualquer um pode trocar pesos mexicanos por dólares, pois a nós nunca foi pedido documento ou qualquer tipo de identificação para tal.

Ao sul da rua de pedestres, está a área com algumas edificações que suponho sejam ainda da primeira metade do século XX. Também, neste setor, está uma única construção que é de estilo colonial, gritantemente colorida de amarelo, cercada nas quatro laterais por avarandados pintados de branco com o teto de madeira sustentando os dois ou três andares superiores.

Separando este centro comercial do centro histórico, que somados compõem a Monterrey Antigua, está a Macroplaza que os nativos da cidade chamam de "a maior praça do mundo", que vai desde o Rio Santa Catarina até o Palácio do Governo estadual, compondo uma faixa larga que tem mais de um quilômetro de cumprimento.

Parece que os mexicanos de Monterrey são exagerados, porque fiquei bem em dúvida se esta é a maior praça do mundo, até porque ela já tem um jeitão de parque urbano, mas o fato é que se constitui num espaço público muito usado, como pude ver em vários horários do dia.





No extremo frontal voltado ao rio, está o grande edifício onde se aloja o poder executivo municipal (assinalado com um círculo verde no mapa). Ele se ergue sobre pilotis e tem um grande vão aberto no térreo, onde no domingo, exatamente às 11h, os músicos que compunham uma mini orquestra começaram a tocar. Ao som de Edith Piaf, de clássicos boleros e rumbas vários casais dançavam.

É adorável ver alguns deles, que demonstravam estar na faixa dos 80 anos, dançando animadamente. Uns estavam vestidos de modo muito simples, outros como se fossem a um baile de gala. Algumas mulheres tinham vestidos com brilhos, alguns homens de paletó e chapéu. Os sapatos de verniz abundavam e a cor preferida era o vermelho tanto para as roupas femininas como para as camisas de alguns dos cavalheiros. Nós também saímos dançando.

Na foto da esquerda, é possível observar no beiral superior deste grande vão, os

painéis pintados contando a história do México e trazendo muitos elementos da sua cultura, tanto a indígena como a de origem européia.



Defronte à grande praça, já na área do centro histórico, está a catedral de Monterrey, que não chega a ser uma construção imponente como outros edifícios que marcam a paisagem urbana, mas é bonita.

Sua fachada é assimétrica (revejam a foto da página 4). O seu interior é pouco adornado, mas tem uma beleza singela. Estive nela por volta das 15h e não havia ninguém...

O centro da cidade é lugar de todo tipo de festa, em Monterrey, do mesmo modo que já havia observado na cidade do México, em Guadalajara e em outras cidades mexicanas.

Em plena sexta-feira, um grupo de jovens passeava, cantando alegremente numa limusine conversível, que acabou estacionando em frente à catedral, onde os meninos de terno preto e as meninas de rosa desceram para alguma cerimônia que me pareceu uma formatura.





Carminha Beltrão

Outubro de 2016